

GRANDE TEATRO FARRROUPILHA

" MELANCOLIA "

Radio-Teatro Farrroupilha

Peça em três atos de ERICO CRAMER

ELenco

Narrador SALIMEN JUNIOR

Luís Carlos PAULO RICARDO

Helena ZAIRA AGUIAR

Miloco NINA ROSA

Michael DARCY FAGUTTES

" MELANCOLIA "

Original em 3 atos de: ÉRICO CRAMER

GRANDE TEATRO FARROUPILHA

OPERADOR CARACTERISTA MUSICAL FORTE/FUNDO COM MELANCOLIA QUE PERMANECE EM
BG PARA FUNDO DE NARRAÇÃO

NARRADOR Luiz Carlos Hardot era um homem triste, apesar da fortuna imensa que possui e que lhe permitia viver correndo mundo, usufruindo, dele, todas as coisas boas que o dinheiro pode proporcionar. Diziam uns que a sua melancolia provinha de uma grande desilusão amorosa, sofrida nos primeiros anos de sua juventude; outros afirmavam que o seu mal provinha do excesso de dinheiro em função de sua pouca experiência, o que lhe trouxera, como consequência, uma saturação dos prazeres mundanos. Outros, ainda, aludiam a sua tristeza ao fato de ser ele um rapaz só, sem parentes próximos e sem amigos senão aqueles que buscavam tirar da sua fortuna um proveito qualquer. (PAUSA E TOM) A verdade, entretanto, é que fôsse o motivo qual fôsse, o seu mal se acentuara consideravelmente nos dois últimos anos e ele, que já começava a se sentir irritado com a injúria constante dos ambiciosos, resolvera isolar-se de todos, internando-se, voluntariamente, numa propriedade rural que fôra relacionada entre os bens que lhe haviam tocado por herança paterna. A referida propriedade distava menos de dois quilômetros da vila de Imandaí, onde o rapaz aparecia esporadicamente, sempre que a sua companheira inseparável - a melancolia - lhe proporcionava uma pequena trégua. (PAUSA E TOM) Na Colina do Só, como era conhecida a propriedade, nunca eram vistas outras pessoas que não fôsem os poucos empregados que lá exerciam a sua atividade, razão porque não deixou de causar certo espanto, entre eles, a aproximação de uma charrete conduzida por uma moça morena e de porte médio, graciosamente vestida. (SEGUE A NARRAÇÃO SEM PARAR)

OPERADOR CHARRETE EM FUNDO

NARRADOR Cabelos soltos, revoados à brisa da tarde, trazia ela, nos olhos escuros e grandes, uma expressão de serena energia que deixava bem transparecer o traço marcante de sua personalidade. A charrete transpôs a porteira grande da propriedade, para estacionar, minutos depois, à frente de uma larga escadaria de mármore que dava acesso ao casarão imenso onde vivia o jovem milionário. (SEGUE A NARRAÇÃO)

OPERADOR CORTA A CHARRETE EM FUNDO

A moça saltou da charrete com extraordinária leveza e graciosa de-

envoltura. (SEGUE A NARRAÇÃO)

C/REGRA
NARRADOR

(PULO LEVE EM CHÃO BATIDO)

Refez os cabelos daselinhados pelo vento, subiu, ligeira, os poucos degraus à sua frente e fez soar a aldrava de bronze da porta escura e monumental.

C/REGRA
NARRADOR

(BATIDAS DE ALDRAVA)

Momentos depois, estava ela sentada a uma velha poltrona de espaldar alto, à espera que lhe aparecesse o dono da casa. Não demorou muito em que ele surgisse, emergindo de um pesado reposteiro de veludo grenat, desbotado e carcomido pelo tempo. Ao avistar a figura da moça, parou por alguns momentos, olhando-a com visível reserva e desconfiança. Ela, por sua vez, com imperturbável serenidade, angustiosos em rápidos instantes. Era um rapaz alto... louro... quasi bonito... trajando comelegante displicência. Depois de uma pausa pesada e constrangedora, o silêncio foi rompido, finalmente.

LUIZ CARL.

(SECO) Boa tarde.

HELENA

(AMÁVEL) Boa tarde.

LUIZ

(DEPOIS DE PAUSA) Desejava... alguma coisa de mim?

HELENA

Sim. Desejava conversar alguns momentos com o senhor, se não lhe parecesse impertinência de minha parte.

LUIZ

Bem... desde que seja um assunto rápido, nada tenho a obstar.

HELENA

Empregarei o máximo esforço em esplanar o assunto com a maior rapidez possível. (PAUSA E TOM) Sou assistente social e fui designada para prestar os meus serviços à infância desamparada de Imandá. Os recursos fornecidos pelo Governo, para essa assistência, são tão precários e eu me lembrei...

LUIZ

(CORTANDO) Um momento, senhorita. Eu já compreendi o objetivo da sua visita e não vejo necessidade em que continue a sua explanação. (TOM) Quanto quer?

HELENA

(PERDENDO O GEITO) Frencamente... o senhor... o senhor é desconcertante...

LUIZ

Por que? Não é dinheiro q que a senhorita deseja para as suas obras de assistência?

HELENA

Bem... realmente, mas... mas não é apenas o dinheiro que eu quero. Desejo, juntamente com ele, o apêlo moral dos corações bem formados e o interesse, constante, daqueles que se aprestam a me ajudar.

LUIZ

Não lhe parece que é exigir, da mesma pessoa, muita coisa a um só tempo?

HELENA

Por que?

LUIZ

Poucos são os que podem dar dinheiro, portanto... já lhe dariam muito, dando o que é mais difícil de conseguir. O apêlo moral e o

interesses, a senhorita pediria aos que não lhe podem dar mais do que isso.

HELENA

O meu plano é diferente, senhor Bardot. Eu quero, justamente, que aqueles que financiem a minha obra assistencial, acompanhem o emprego do capital oferecido, servindo-me, inclusive, de conselheiros naquilo que eu me proponho a realizar.

LUIZ

É uma tática inteligente, não há dúvida, porque quanto mais a gente acompanha e se interessa por uma determinada coisa, mais se empolga por ela e acaba, fatalmente, dando muito mais do que pensava dar. Não é que eu me queira furtar aos gastos que possa fazer, mas confesso que não tenho gosto e nem tempo para essas coisas.

HELENA

O senhor já experimentou, alguma vez, trabalhar pelo bem do próximo?

LUIZ

Si lhe digo que não tenho gosto nem tempo... está evidenciado que não.

HELENA

E não sente, ao menos, curiosidades de provar o gosto que isto tem?

LUIZ

Também não?

HELENA

Sabe que... que talvez encontrasse nisso o remédio?

LUIZ

Remédio?!... Para quê?

HELENA

Para essa melancolia que a gente sente que lhe domina.

LUIZ

(IRRITADO) A senhorita está me parecendo um tanto impertinente e intrometida. O que é que lhe autoriza a pensar que eu seja um melancólico?

HELENA

Em primeiro lugar, essa expressão de vazio que se percebe em seus olhos e que nos dá a impressão de que o senhor está sempre distante, olhando, sem ver, tudo aquilo que o cerca; em segundo, porque um rapaz moço, como é o senhor, a que tem nas mãos uma fortuna imensa, como se sabe que é a sua, não se abstem dos prazeres do mundo, não quando sente um tédio terrível por todas as coisas que a princípio tanto o empolgaram, mas que depois, pelo excesso ou pela facilidade com que foram conseguidas, acabaram por saturar-lhe a alma e exgotar-lhe o corpo. E o tédio, todos sabemos, é a principal causa or dos grandes males do espírito, entre os quais sobressai a melancolia. É um mal grave, creia; muito grave, mesmo, e que não pode deixar de ser combatido. Se a não curvamos, resignados, a nossa cabeça, acabaremos fatalmente por sucumbir. Logo, senhor Bardot, eu não venho aqui apenas para lhe pedir o seu auxílio às minhas obras sociais, venho também lhe oferecer uma maneira de senhor procurar fugir a essa angústia que o asfixia. Agradeço a generosidade, mas não aceito. Eu não tenho nenhum outro

LUIZ

ansio que não seja o de viver como gosto e como quero. E já que a senhorita se meteu num assunto que só a mim diz respeito, permita que eu faça o mesmo, aconselhando-a a que procure, também, tratamento para o seu mal que me parece tão grave quanto esse que imaginou para mim. É preciso cuidar - e muito - da sua imaginação, para que ela não se exceda demasiadamente, buscando penetrar o infinito dos outros e fantasiando coisas absurdas que se vão situar muito além da realidade. E agora que estamos quites, gostaria que me dissesse, sem mais delongas, quanto deseja de mim, para dar-me fim a esta entrevista que já se estende demais. (PAUSA) Vamos, quanto quer?

HELENA

Nada.

LUIZ

Para que veio, então?

HELENA

Já lhe disse. Vim procurar interessá-lo numa obra de grande beneficência que desejo realizar em Imandá, mas uma vez que o senhor me nega o seu interesse, eu não desejo também o seu dinheiro.

LUIZ

Hum-hum... Orgulhosa, não?

HELENA

Engana-se. Não é por orgulho que assim procedo, é por princípio. Tenho um plano de ação estabelecido e não desejo me afastar dele.

LUIZ

Está bem. Cada um age como melhor lhe parece; no entanto, permita, que lhe advirta de uma coisa: si não aceitar a doação que estou disposto a lhe fazer hoje, nunca mais volte à minha casa para me pedir um centavo, porque ouvirá, sempre, dos meus lábios, uma negativa formal.

HELENA

Não me assusta a sua advertência. O senhor não é, felizmente, o único que pode dar e poucos não de ser, também felizmente, os que mostram tamanho descaço pela miséria e desconforto alheios. E guarde, agora, o que lhe vou dizer, antes de deixá-lo: o senhor ainda se arrependerá - e amargamente - em ter recusado a oportunidade que lhe vim oferecer de se reconciliar com a vida. Quando o tédio e a melancolia fizerem gritar, ainda mais alto ao seu coração e quando o peso dos anos e da solidão o fizerem sentir a necessidade de um carinho sincero ou de um afeto mais puro, o senhor estará só, inteiramente só com o seu egoísmo, temeroso do futuro e sem poder olhar para o passado, porque nada fez, nada construiu com essa fortuna imensa que se chama o espírito de solidariedade humana. (PAUSA E TOM) Bem, e agora eu me vou. E pode estar certo de que jamais voltarei a esta casa, quer seja para pedir, ou para dar alguma coisa. Também sou como o senhor: não ofereço duas vezes aquilo que desejei dar espontaneamente. (PAUSA E TOM) Passe bem, "senhor Luiz Carlos Bardot"... e seja feliz.

C/REGRA
LUIZ

(PASSOS QUE SE AFASTAM LEVES MAS FIRMES E SE PERDEM NA DISTANCIA)
Criaturinha petulante e impertinente! Ora já se viu?! Ter a audácia de recusar o meu auxílio e ainda por cima ameaçar-me. O que ela merecia era uma boa lição, para aprender que não se deve ter assim tanta altivez na vida e que não é tão fácil, como ela pensa, desprezar o dinheiro. "o senhor não é o único que pode dar". (COM RAIVA SEMEZ CONTIDA) Não sou o único, eu sei, mas sou o que mais posso, aqui nestas redondezas e ela há de mentir o quanto vale o meu prestígio, porque, a partir de hoje, eu hei de procurar dificultar ou impedir tudo quanto ela queira fazer. Ela há de me pagar bem cara a sua arrogância!

OPERADOR
NARRADOR

ENTRA COM FUNDO MUSICAL

E a partir daquele instante, Luiz Carlos começou a se interessar vivamente por alg uma coisa na vida. Começou a combater Helena, dificultando-lhe, passo por passo, a sua magnífica tarefa de recuperação aos pequenos desamparados. A moça sentia a sua tenaz oposição, mas não se entregava. Continuava lutando galhardamente. E no fundo, entretanto, sentia-se, por vezes, desanimar ante os tropeços que encontrava em seu caminho. (PAUSA E TOM) Naquele dia, ela ia realizar uma das suas máximas aspirações: ia assinar a escritura de compra de terreno onde seria erigida a "Casa do Minor Abandonado" que estava funcionando, em caráter provisório, num galpão ao fundo do terreno da casa que ela alugara para morar. Saiu de casa radiante de felicidade para retornar, um mês depois, tristonha e abatida. A dona da casa, a sua companheira de moradia, indagou-lhe o acontecido.

OPERADOR

CORTA O FUNDO

HELENA

Não pude comprar o terreno, dona Miloca.

MILOCA

Não pude? Por que? Você já tinha o negócio tratado e uma parte do dinheiro à sua disposição? Que lhe faltou?

HELENA

A mim não faltou nada. Faltou àquele cretino do senhor Luiz Carlos Bardot um pouquinho de critério e de coragem para deixar de se meter no meu caminho e atropelhar-me.

MILOCA

Como assim, minha filha? Palavra que eu não estou compreendendo.

HELENA

Ora, dona Miloca! É uma coisa tão fácil de compreender. Ela, mais uma vez, impediu que eu fizesse o que desejo.

MILOCA

Mas impediu de que modo, se o terreno não era dela?

HELENA

Bastou que ela soubesse, não sei como, que o terreno ia ser vendido a mim, para ir imediatamente ao proprietário e propor-lhe a compra pelo dobro e com dinheiro à vista. É lógico que o proprietário o vendeu.

MILOCA Que coisa! Como é que uma pessoa pode ter coragem de ser assim tão malvada? Bem que eu já não simpatizava com aquele homem, embora ele nunca me tivesse feito nada. Agora eu estou vendo porque. Quando eu antipatizo com uma pessoa, há sempre uma razão oculta. (TOM ANI MANDO-A) Mas não faz mal, minha filha, deixa. Você não comprou esse terreno há de comprar outro e se não conseguir fazer a Casa do Menor Abandonado este ano, no ano que vem há de conseguir. Não é possível que Deus não esteja vendo o seu esforço e a sua abnegação e lhe deixe ao saber de um cretino desalmado que vive a procurar impedir que você pratique o bem a quem tanto necessita. Não há de ter o castigo que merece e você não deixará de receber o prêmio que lhe cabe. Não fique triste, menina. A justiça divina pode tardar às vezes mas não falha nunca.. Você foi sempre tão animosa e tão valente, por que há de se deixar abater agora?

HELENA (DESANIMADA) Cansa, dona Miloca. Por mais ânimo que a gente tenha, o poder de perseguição é tamanho que se acaba por desanimar.

MILOCA Você quer que eu vá lá, como coisa minha, conversar com ele? Se você quiser, eu vou. Eu só não desejava me meter nisso, porque sei como eu sou. Sou muito boa, mas no momento que me pisam no ponche... eu perco a cabeça, destravo a língua e desaírosos hajam porque eu gasto todos eles e ainda ficam faltando. É é isso que eu tenho medo: de ir lá para agitar as coisas e no fim entornar o caldê. Em todo o caso... si você quiser, eu vou.

HELENA Não, dona Miloca, muito obrigada. Eu jurei que nunca mais pediria nada a ele ou voltaria àquela casa e não quero pedir sem voltar.

MILOCA Mas não é você que vai, minha filha, sou eu.

HELENA Mas ele pode saber que eu moro com a senhora e vai logo calcular que o seu serviço foi encomendado. Muito obrigada, pela sua boa vontade, mas eu não quero pedir nada àquels homem. O meu desêrmo foi momentâneo, mas se aflija. Já passou tudo e eu já estou, outra vez, disposta para a luta. E hei de vencer, dona Miloca,. Pode estar certa de que eu hei de vencer.

OPERADOR CARACTERÍSTICA FORTE PARA FIM DO 1º ATO
(PUBLICIDADE)

OPBRADOR CARACTERISTICA PARA INICIO DO 2º ATO

NARRADOR

A luta entre Luiz Carlos e Helena continuou, intensa e acirrada até que um acontecimento inesperado veio fazer com que ela atingisse o seu climax. Morrêra uma pobre e infeliz costureirinha deixando no abandono um menino de tres anos e meio, que o velho pároco de Imandaf logo se apressou em levar para casa afim de entrega-lo a alguem que quizesse assumir o compromisso de criar e educar a criança, dando-lhe carinho e instrução. Mas o bendito padre acabára de anunciar, de púlpito esse seu propósito e já intrépida Helena se apresentara, prontificando-se a assumir aquela responsabilidade. Uma hora depois, entretante, Luiz Carlos se encontrava na presença do religioso, disputando para si aquelle difficil encargo.

LUIZ

Acabo de saber que o senhor deseja entregar um menino orfão para ser educado por alguem e apressei-me em vir procura-lo para pedir-lhe que me entregue a criança. Compromete-me, perante Deus a satisfazer todas as exigencias que me sejam feitas como condição de entrega.

MICHAEL

Creia, senhor Bardet, que seria muito grato a este humilde sacerdote satisfazer-lhe esse desejo, entretante...

LUIZ

Já sei. Houve alguem que se antecedeu a mim, não é isto?

MICHAEL

Exatamente, senhor.

LUIZ

Seria, por acaso... a assistente social de Imandaf?

MICHAEL

Justo. A senherita Helena, mais uma vez, nos deu testemunho da sua bondade e do seu desprendimento, dispõe-se a juntar às suas pr ocupações mais estas que não será pequena.

LUIZ

Mas padre Michale, o senhor vai me permitir alertá-lo sobre um ponto que talvez não tenha despertado a sua atenção, mas que é importantissimo: o menino lucrará muito mais, sob todos os aspectos, se ficar sob a minha guarda. Vivêrá com mais conforto... terá um padrão de vida muito mais elevado... uma educação mais apurada e, mais do que tudo isto, herdará, ainda, uma grande fortuna porque eu o perfilharei. Essa mãe, que lhe pedirá dar? Quasi na Bon... admite que, para o futuro, o senhor possa dar muito mais a esse menino, entretante, no momento, ela é quem pedirá dar e que ele mais necessitare carinho e o cuidado de um coração de mãe. Mas isso ele também terá na minha companhia, porque é logico que eu vou tratar logo de arranjar uma empregada que se dedique exclusivamente aos cuidados da criança.

MICHAEL

Não é a meamata, meu filho. Entre uma pessoa que se dedica por força dos seus proprios sentimentos, levada pela bondade de um coração amarelo e torna e entra que recebe um salario para, fa:

LUIZ

MICHAEL

use de uma dedicação que nem sempre possui, a diferença é esta: Uma é água, a outra é vinho.

LUIZ Bem sempre essa diferença, é assim tão frisante, padre Michael. A vida está cheia de exemplos magníficos de uma dedicação comvente de certas empregadas pelas seus patrões.

MICHAEL Está certo. Você disse muito bem: "de certas" empregadas pelos seus patrões, mas "certas" não são todas. E o senhor encontra uma "certa"? Não se pode saber.

LUIZ Oferecendo um ordenado verdadeiramente compensador, não seria tão difícil encontra-la.

MICHAEL Bem, meu filho, eu não teria nenhuma objeção a fazer, desde que não tivesse empenhado a minha palavra nessa assistente sem mas uma vez que isso já foi feito, não posso e não deve voltar atrás. Em todo o caso... seria uma coisa a resolver diretamente com ela. Dentro de poucos momentos ela deve estar aqui para buscar o menino. Faz quase uma hora que saiu para comprar cama, colchão, e outras miudezas mais necessárias. O senhor pode esperar a ela as vantagens todas que o menino terá ficando em sua companhia e é possível que os seus argumentos... (TRANSIÇÃO) Olhe. Aí vem ela chegando.

C/REGRA PASSOS QUE SE APROXIMAM (DE MULHER)

HELENA (VINDO MUITO ALEGRE) Pronto, padre Michael. Já comprei tudo que era necessário, já mandei levar para casa e agora vim... (CORTA SUBITO) TRANSIÇÃO COMPLETA SEGA) Bom dia.

LUIZ (IDEM) Bom dia.

MICHAEL Já se conhecem? Este é o senhor...

HELENA (CORTA) Já nos conhecemos, sim, padre Michael.

MICHAEL Ah, muito bem. Pois o senhor Luiz Carlos veio aqui cenigo por causa da criança.

HELENA Ah, sim? Será que ele está interessado no menino?

LUIZ Exatamente. E penso que "ninguém" aqui na povoação ou pelos arredores estará em melhores condições para cria-lo e adota-lo.

HELENA Em melhores condições "financeiras", é o que o senhor quer dizer pois não? Entretanto, a educação de uma criança requer muitas outras coisas que o dinheiro nem sempre é capaz de proporcionar. Não lhe parece assim, padre Michael?

MICHAEL Foi exatamente o que eu disse ao senhor Luiz Carlos, antes de você chegar aqui. Toda a criança se ressentirá da falta de cuidado feminino, do carinho da mãe ou de outra mulher que a substitua.

LUIZ Mas o fato de o menino ser criado na companhia de um homem seletre, não implica em que lhe falte esse cuidado ou esse carinho que lhes parece tão necessário. Eu estou perfeitamente em condi

ções de mandar vir, da Capital, uma governante com todas essas predicados.

HELENA

O senhor, como homem, deverá saber, melhor de que uma peça solteira, e um sacerdote, a distância que existe entre o carinho cego e o outro que se compra. Uma governante é sempre uma assalariada que dessa e que dá na propensão de que recebe.

LUÍZ

Eu sei, mas como estou inteiramente disposto a dar o que for necessário para que o menino receba tudo, não tenho nenhuma dúvida em qualquer recuo em assumir uma responsabilidade cuja extensão eu sei perfeitamente medir. É além disto, parece-me que em as pequenas faltas que ele possa ter agora como menino e as grandes que venha a sentir amanhã, como homem feito, não pode haver termo de comparação. A criança é sempre mais fácil de contentar de que o adulto. Será que mais tarde, quando ele já tiver capacidade para discernir as coisas e saber que não lhe permitiram enveredar pelo caminho do conforto e da abundância, ele não irá sentir revolta contra a senherita e contra o senhor mesmo, padre Michael? (P) ^Fensenhem bem e respondam.

MICHAEL

(DEPOIS DE PAUSA) Bem, eu... como já disse... não posso voltar atrás na palavra empenhada. A senherita Helens foi a primeira que se apresentou solicitando o menino, e eu, conhecendo-a, como conheço, não tive nenhuma dúvida em atender-lha e pedido. Agora... cabe unicamente a ela resolver. Se ela persistir na ideia de criá-lo, eu estarei contente e se resolver entregar-lhe o menino, eu estarei contente da mesma forma.

LUÍZ

Bem, neste caso cabe unicamente à senherita resolver. Que decida. A entre qualquer, que não fosse o senhor, eu não teria nenhuma vida em ceder os meus direitos. Ao senhor, não.

HELENA

Minha filha!

MICHAEL

HELENA

Padre Michael, o senhor não sabe as verdadeiras motíves que levam este senhor a se interessar tanto pela sorte do menino que me foi entregue, e por isso eu serei obrigada a revelá-los para que a minha negativa não lhe pareça intolerância ou teimosia. Este senhor tem sido sempre o maior obstáculo a qualquer das minhas realizações em favor dos desherdados da sorte. Tudo aquilo que não tenho podido realizar tem sido por culpa dele, pela guerra supda e mesquinha que vem promovendo para derrotar-me. E tudo por que? Porque certa vez me achei no direito de recusar uma importância que ele se dispunha a dar-me. E como todas sempre se curvaram ao poder do seu dinheiro, ele não pode admitir jamais, que existisse uma criatura que tivesse a altivez de se manter à frente dele de cabeça levantada. Daí para cá, e que os homens tem prejudicado a centenas de crianças desamparadas, eu

- não se pode com justiça aquilatar. E é por isso que, neste momento, eu não tenho a menor dúvida em querer permanecer na posse dos meus direitos sobre esse pequenino que o senhor acaba de entregar. Um homem que para satisfação da sua vaidade e em represália ao seu orgulho ferido não titubeia em prejudicar e em estar e a saúde de centenas de inocentes, não possui o senso de humanidade nem a verdadeira retidão de caráter necessário ao desenvolvimento e formação moral de uma criança. (P) E agora que já sabe tudo, padre Michael, entregue-lhe de novo o menino para que o senhor escolha a quem confia-lo. A ele... ou a mim.
- MICHAEL (DEPOIS DE PAUSA) Você continuará, com o pequeno, minha filha.
- HELENA (COMOVIDA) Obrigada, padre Michael, ..muito obrigada! Eu sempre confiei no senhor.
- LUIZ (RAIVA CONTIDA) Ambas não de se arrependem um dia e então... há de ser muito tarde para poderem voltar atrás.
- C/REGRA PASSOS FIRMES QUE SE AFASTAM PORTA QUE BATE AFASTADA (CUIDADO EXAGERO DE UMA E OUTRA COISA)
- MICHAEL Não tenhamos receio da sua ameaça, minha filha. Deus velará por nós.
- HELENA Eu não tenho receio, padre Michael. Nunca tive. Quem anda com Deus não teme.
- OPERADOR CORTINA MUSICAL
- NARRADOR Dois anos foram passados em que a valerosa Helena resistiu a todos os embates do poderoso senhor Luiz Carlos Basset. O pequenino Otavio crescia, rodeado de amor e carinho e cujos cuidados lhe dispensavam dona Mileca e sua mãe adotiva, sob a orientação segura do beníssimo padre Michael. Quando o pequeno estava para completar o seu sexto aniversário e dona Mileca já iniciara os preparativos para a festa que pensavam realizar, numa noite chuvosa e fria em que ela estava a confeccionar as suas tradicionais balas de estalo, Helena surgiu à porta da saleta, transfigurada.
- HELENA (NERVOSA) Dona Mileca, eu estou tão nervosa... tão preocupada...
- MILOCA Deus de Misericórdia! Que aconteceu, minha filha? Você está brancuca como um pedaço de lençol.
- HELENA Faz um hora, mais e menos, que Otavinho acordou queixando-se de dor de garganta. Preparei-lhe um gargarejo, puz-lhe uma compressa de álcool e ele tornou a dormir, mas agora acordou outra vez e parece sufocado. Respira com dificuldade... eu queria que o senhor ficasse no quarto cuidando dele enquanto eu vou chamar o doutor Alexandre...
- MILOCA Não fique assim tão nervosa que não há de ser nada, minha querida. Volte você para o quarto que eu penso o meu sapato e nun-

momento vai chamar o deuter.

NARRADOR

O deuter veio em seguida e desde logo se mostrou profundamente preocupado com o estado de saúde do menino. Todos os sintomas venduriam as desconfianças do médico para uma difteria que, se confirmada, acabaria por matar o pequeno, já que em Imbandá não existiam os recursos necessários para debelar uma enfermidade tão grave. Amparo, a cidade mais próxima e melhor aparelhada em matéria de hospitais e recursos médicos, distava cinco horas de li, batidas em automóvel sobre péssimos caminhos. Era tempo demasiado longo para que o pequenino enfermo pudesse resistir. Havia um único recurso: um pequeno avião particular de propriedade do senhor Luis Carlos Bardet. Diante da sugestão de seu Alexandre, dona Mileca empalideceu. Houve uma pequena pausa de hesitação. Helena fez um gesto ao deuter Alexandre pedindo-lhe que permanecesse ao lado da criança e saiu de quarto em passos miúdos e ligeiros. Dona Mileca seguiu-a, ansiosa. Alcançou-a quase ao pé da porta, numa pausa que fez para apanhar a sua capa no cabide.

OPERADOR

RUIDO DE TEMPORAL FORA

MILOCA

(ANSIOSA) Você vai lá, minha filha?

HELENA

É claro que vou, dona Mileca.

MILOCA

Quer que eu vá por você?

HELENA

Obrigada, Ele exigiria a minha presença e estariam a perder um tempo que é preciso.

MILOCA

Eu vou com você, então. Quer?

HELENA

Não, não. O deuter Alexandre pode precisar da senhora. Correrá casa de Ambrosio, e ele me levará no seu automóvel. Volte para quarto. ~~XXXXXXXX~~

NARRADOR

Quês minutos depois, um Fer de bigode, gingando pelos caminhos e lameadas, galgava, com visível dificuldade, a colina do S6. O chefe fer, calado e atente, procurava desviar o carro dos tropeços que lhe ameaçavam à frente. Helena, baixinho, murmurava uma prece à Senhora dos Afritos. Finalmente chegaram. Ela saltou, ligeira e bateu à porta com insistência. Momentos depois encontrava-se no mesmo salão em que fora recebida na primeira vez que ali estivera. O temporal, lá fora, persistia intenso, mas não era nem o que lhe ia dentro do alma. Sempre rezando e pedindo graças, ele esperou, impaciente, aquele homem odiado, a cujos pés pensava se atirar de joelhos para salvar uma vida. E ele chegou, finalmente

OPERADOR

CONSERVA EM BG/TEMPORAL FURIOSO

LUIZ

Como?! A senhora em minha casa, a esta hora da noite e com este tempo?

HELENA

Eu, sim. Os designios de Deus fizeram com que eu pudesse de par e nou edio e o meu orgulho e voltasse a esta casa para lhe pedir um favor.

- LUIZ Falso.
- HELENA Meu filho adotivo morrerá si eu não chegar a Amparo antes de duas horas e eu venho lhe suplicar que nos leve no seu avião. Já pensou bem no pedido que me faz com uma noite destas?
- LUIZ Eu lhe darei o que quiser, contante que me atenda.
- HELENA Pois bem, eu tenho apenas um preço para este trabalho, mas advirte-lhe que é um preço alto. Estará disposta a paga-lo?
- LUIZ Já lhe disse que lhe darei o que quiser. Peça.
- HELENA A senhora me entregará o menino e nunca mais se aproximará de-le.
- LUIZ 'PAUSA BREVE RESOLUTA) Seja. Aceite a condição.
- OPERADOR RUIDO DE TEMPORAL FORTE-MESTURA COM RONCO DE AVIÃO POR UNS MOMENTOS E CARACTERISTICA MUSICAL ABAPANDO TUDO PARA FINAL DO 2º ATO
- LOCUTOR PUBLICIDADE COMERCIAL
- OPERADOR CARACTERISTICA DE ABERTURA PARA O 3º ATO/FUNDO COM MUSICA DE NARRACAO QUE PERMANECE EM BG
- NARRADOR Os prognósticos do dentor Alexandre foram confirmados no Hospital de Amparo e durante tres dias o pequenino Otavio esteve entre a vida e a morte. Helena não se afastou um momento do lado dele. Rebia-lhe os menores gestos, as mais insignificantes reações. Dona Mileca, enfermeira por Luiz Carlos que regressara amanhã na tarde seguinte, apressou-se em se postar ao lado da sua amiga, procurando infundir-lhe uma coragem que ela mesma não tinha. O menino ia resistindo aos embates do mal. Finalmente depois de uma luta insana de cinco longos dias, o medico o declarou fora de perigo. Quando há haviam transcorrido dese dias do quele susto terrivel, o medico deu alta ao pequenino enfermo, dizendo que ele podia, finalmente, regressar a sua casa. Helena, em tratante achou de melhor alvitre esperar mais tres dias. Ao fim desse prazo...
- OPERADOR CORTA O FUNDO
- MILOCA Regressamos amanhã pela trem da tarde ou da noite?
- HELENA Ainda não sei, dona Mileca.
- MILOCA Helena, o que é se passa com voce, minha querida? Voce que foi tão valerosa nos momentos mais dificeis e mais cruciantes, agora que tudo passou está nessa indecisão e nesse abatimento? Por que?
- HELENA Dona Mileca, para mim o momento mais difficil e mais cruciante ainda está para sobreviver.
- MILOCA Como? Ela não esteu entendendo o que voce quer dizer. Explique-se.
- HELENA É que eu salvei o meu filho... para perde-lo. Entendeu agora?
- MILOCA Não. Continue sem entender patavina. Salvou-o para perde-lo por que?

- HELENA Perque a partir do instante em que tenhamos regressado à nossa casa, deverei entregar Otavinho aos cuidados de senhor Luis Carlos e que é por isso mais terei o direito de me aproximar do menino.
- MILOCA Palavra de honra que eu eu fiquei burra da cabeça toda, eu vou está falando grego e é natural que eu não consiga entender o que voce diz.
- HELENA Dona Mileca, atente para o que eu digo: para conseguir que aquele malvadenos trouxesse para cá no seu avião, eu assumi com o compromisso de que se o menino se salvasse eu o entregaria e eu nunca mais procuraria aproximar-me dele ou dirigir-lhe a palavra.
- MILOCA Não! Não pode ser!
- HELENA Juro-lhe que é verdade. E aí está o motivo porque estou aqui custando tanto a deixar o hospital. Como sei que nunca mais o verei sinão de longe, cada vez que a nessa separação se aproxima eu procuro prete-la.
- MILOCA Mas esse homem é um infame. Exigir de voce um sacrificio desse numa hora de agonia tão grande é uma baixeza que toca as raízes da ignomínia.
- HELENA Bem, dona Mileca, não nos adianta mais nada estarmos agora a discutir o merito ou a infamia de um gesto que já foi executado. A realidade é essa que acabei de lhe contar e não nos resta outra alternativa sinão curvarmos a ela a nessa cabeça..
- MILOCA (FIRME) Isso é que não. Curve voce a sua, si quiser, mas eu é que não curvarei a minha. Vou lutar com todas as armas para vencer aquele maldito e si nada conseguir por outros meios, venderei a minha casa e fugiremos os tres para qualquer recanto do mundo onde ele não seja capaz de nos encontrar.
- HELENA Não, dona Mileca, não podemos proceder dessa maneira. Por muito que me custe ao coração eu serei obrigada a cumprir a minha palavra.
- MILOCA Mas voce está louca, Helena? voce então não compreende que não pode haver compromisso numa palavra arrancada à força num momento de desespero? Onde é que está o seu raciocínio? A sua capacidade de compreensão?
- HELENA Quanto mais grave é o momento em que enfrentamos a nessa palavra maior é o nosso dever em cumpri-la, dona Mileca. Eu disse ao Senhor Luis Carlos que pagaria qualquer preço para a salvação de Otavinho, não posso agora faltar.
- MILOCA Pois bem, já que voce não se convence, eu voltarei amanhã a Inaí e daí irei falar com ele. Voce me aguardará aqui.

- HELENA Eu não posso lhe dizer que não vá, mas ao menos lhe peça uma coisa: que a senhora faça sentir a ele que eu estou disposta a cumprir a minha palavra e que não tive a menor interferência na sua atitude.
- MILOCA Não se preocupe que eu terei a cuidado de não lhe deixar mal.
- OPERADOR ENTRA COM FUNDO MUSICAL PARA NARRAÇÃO
- NARRADOR Dona Miloca voltou, efetivamente no dia seguinte e instantaneamente procurou o senhor Luiz Carlos Bardet. Ao princípio ela tentou convencê-lo tocando-lhe o coração. Ele se mostrou inflexível. Ao fim de quasi uma hora de tentativas inúteis e as mais variadas, a boa senhora se revoltou e deu livre vazão ao que estava sentindo.
- OPERADOR CORTA O FUNDO
- MILOCA O senhor é um desalmado, um homem que só é homem pela forma mas que no intimo não passa de um monstro que se alimenta das lagrimas e do desespero alheio. Não fosse eu uma velha de músculos enfraquecidos pelo trabalho e pelas vicissitudes da vida e nesse momento não me faltaria coragem para mata-lo a pancadas. E não me arrependeria pelo que me pudesse acontecer, ficando sabendo. Não me arrependeria porque estaria em paz com a minha consciência por ter livrado a sociedade de uma pústula como o senhor. O senhor é um carrasco, um verdugo, um homem que pelo prazer de ver curvadas aos seus pés as criaturas todas que o xam redeiam, não titubeia em praticar as ações mais vis e deshumanas. ~~CONTRA AQUELAS QUE NÃO SE CURVAM AO PED~~ ~~DO SEU DINHEIRO, É UM HOMEM MAU.~~ Um homem que não deveria chamar-se homem, porque...
- LUIZ (FORTE) Hehe! Basta de insultos. Saia desta casa imediatamente.
- MILOCA Saírei, sim. Saírei para que não me envenene o ar que se respira aqui neste antro. Saírei para que não me afogue, ainda mais, o edo que estou sentindo pelo senhor. Mas de uma coisa pode ficar certo...
- LUIZ (CORRANDO FORTE) Saia, já disse. Não me obrigue a manda-la atirar no meio da rua pelas criadas.
- MILOCA Faça isso e terá mandado fechar com chave de ouro a historia da maior infamia da sua vida. Mas antes que isso aconteça, eu ainda vou dizer o que o senhor quiz impedir que eu dissesse. O senhor está tomando um remedio errado para o seu tédio, e para a sua melancolia e quando esses males estiverem a ponto de mata-lo, o senhor há de se convencer desse erro, mas há de ser muito tarde. Merrerá desesperado e sem salvação, lembrando, uma por uma as palavras todas que eu lhe disse agora.
- LUIZ (GRITANDO INDIGNADO) Rua, vamos! Saia-me em paz, velha negra!

MILOCA

Paz^{ra} as é o que o senhor não conhecerá nunca! (AFASTANDO-SE) Centenas, trezentos anos que viva e a paz há de lhe faltar sempre. Sempre!

OPERADOR

ENTRA COM MUSICA DE FARRAÇO

NARRADOR

Per incrível que pareça, as palavras de dona Mileca ficaram se de profundamente no espirito e no coração daquele homem endurecido pelas desilusões e pelo desencanto de uma vida inútil e desregrada. E aquela noite ele não conseguiu conciliar o sono. Por mais que procurasse pensar na satisfação que lhe causaria viteria de arrancar dos braços de Helena aquele menino que era toda a alegria da sua vida, as palavras da velha voltavam soar-lhe aos ouvidos com a entonação de uma praga terrível!

MILOCA

(VOZ DE SOPRO) Paz^{ra} as é o que o senhor não conhecerá nunca! Nunca! (AFASTANDO) Nunca! Nunca! Nunca! Nunca!

NARRADOR

Varias vezes levantou-se da cama e feiohar, através da vidraça a noite negra, lá fora. O vento soprava com furia inaudita, que brande galhos e arrancando folhas. De vez em quando, um cerisoe descehava, no fundo escuro do céu, um arabesque de prata. Quem o visse impassível, encostado à janela, servendo com gestos lentos a fumaça de seu cigarro e olhando com aparente serenidade a tempestade lá fora, seria incapaz de suspeitar que dentro de seu peito rugia uma outra tempestade talvez maior e mais intensa. Mas não, ele não poderia deixar-se abater pelas telices daquela velha tenta. Suas palavras eram vazias e sem nenhum sentido. Ele não deveria retroceder. Recisava vingar-se da cusadia daquela moça impertinente e petenciosa e levaria avante a sua vingança à despeito de quantos gritassem contra ele. E feiohessa disposição de espirito que voltou para a cama e quasi ao raiar de um novo dia conseguiu finalmente adormecer. Quando acordou o sol ia bem alto e não tardou muito em que lhe viessem anunciar a presença de Helena em sua casa. Dirigiu-se imediatamente ao salaão para atende-la.

OPERADOR

CORTA A MUSICA EM FUNDO

HELENA

Vim supprir a minha palavra. Entreguei o menino ao mordomo e r di-lhe que o levasse para longe dos meus olhos, afin de que eu não o visse quando tivesse que me retirar.

LUIZ

E si eu lhe dissesse que resolvi, esta noite, abrir mão da minha exigencia e deixar que o menino continuasse na sua companhia? Que pensaria voce desse meu gesto?

HELENA

pensaria que Deus havia se apiedado, finalmente, de sua pobre alma, derramando sobre ela uma centelha da sua divina luz.

LUIZ

Ouça, menina: certa vez voce tentou oferecer um remedio à minha pobre alma enferma e eu o recusei. A minha recusa provocou a sua revolta, abrindo uma luta terrível entre nós dois. Pois bem, per

incrível que pareça, só quando essa luta pareça, só quando essa luta parecia atingir o seu climax foi que eu, finalmente, me apercebi que ela se transformara no grande remédio que haveria de curar a minha melancolia. Vivemente empenhado no desejo de dominá-la e de vencê-la, eu encontrei, finalmente, um interesse na vida, esquecendo, durante quasi três anos, o vazio e a margura das minhas horas de tédio. Devo-lhe, por conseguinte, um bem inestimável que desejo pagar-lhe. E de que forma melhor poderei fazê-lo senão devolvendo-lhe essa criança que tem sido o grande enlevo de sua vida?

HELENA

Não é possível! Eu devo estar sonhando! O senhor me permite, realmente levar o menino de volta?

LUIZ

Já lhe disse que sim. Imponho-lhe, apenas, uma condição: você se permitirá ajudá-la na difícil tarefa de instruí-lo e educá-lo. Será a maneira de continuar a encher as máhas horas vazias e manter afastados de minh'alma o tédio e a melancolia.

HELENA

Será a melhor maneira, acredite.

LUIZ

Concorda, então, com a condição que lhe imponho?

HELENA

E claro que sim. Pois não foi este o remédio que lhe vim oferecer naquela ocasião e que o senhor se recusou? Há de ver, agora, o quanto ele é poderoso e eficaz.

LUIZ

Acredito, sim e tenho razões bastantes para acreditar porque já começo a sentir, deste momento, o bem estar que a paz de consciência pode refletir nos nossos corações!

OPERADOR

ENTRA COM MÚSICA SUAVE E BONITA PARA FUNDO DE NARRAÇÃO

NARRADOR

Helena voltou para casa com o menino nos braços e uma alegria imensa no fundo de sua alma. Não sabia bem definir qual das graças seria a maior, das que acabara de receber: si o retorno do filho adotivo a quem ela tanto adorava, ou a salvação daquela alma empedernida, prestes a rolar pelo despehadeiro da desesperança. Dona Milóca, com a volta da criança, não cabia em si de contente. Vivia a rir sozinho pelos cantos e não cansava de repetir para a noça as mesmas palavras:

MILÓCA

Foi medo da minha praga; você pensa? Eu vi que ele se assustou. Eu bem que vi, pelos olhos dele. Mas com tudo isso eu é que não quero saber d'ele aqui em casa. Pensa que eu me esqueci que ele me chamou de velha megera? Atrevidagem! Malcriação! Velha megera, eu. Não o perdooarei nunca!

NARRADOR

Palavras! Nada mais que palavras! Quem tem o coração grande, perdooa e esquece até coisas piores. E querem ver como eu digo a verdade? Pois então saibam que ela vai ser madrinha do casamento da senhorita Helena com o senhor Luiz Carlos Bardet.

OPERADOR

ENTRA COM FINAL GRANDIOSO E FUNDE COM CARACTERÍSTICA

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DOS
SERVIÇOS DE DIVERSÕES PÚBLICAS

A Atividade

FOI POR MIM CENSURADA E PODE SER REPRE-
SENTADA NOS TERMOS DO REGULAMENTO EM VIGOR

PORTO ALEGRE, 10 / 10 / 1930

CENSOR